Proletários de todos os países, uní-vos!

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

MÉDICO E GUERRILHEIRO - HERÓI DO POVO

Pág. 11

EXPRESSIVA MANIFESTAÇÃO ANTIDITATORIAL

Pág. 2

GLORIOSA JORNADA DE LUTA

PÁG. 4

Nº 109 5 de Setembro de 1976 Ano XII

EXPRESSIVA MANIFESTAÇÃO ANTIDITATORIAL

Em política nem sempre o que aparece à superfície reflete o verdadeiro quadro da situação. Ainda há pouco afigurava-se que somente os generais ocupavam o cenário político. Reinava ambiente de conformismo e pessimismo em círculos burgueses oposicionistas. Fervilhavam as insinuações: bastaria um passo em falso do MDB para que acontecesse o pior; Geisel estaria resistindo mas poderia ser obrigado, ele próprio, a comandar o retrocesso. Nesse ambiente, dirigentes emedebistas envolviam-se nos conchavos de bastidores buscando fórmulas adesistas. Estouravam os escândalos: o caso das mordomias; as negociatas do "open market". Ou avultavam graves questões como a desnacionalização crescente da economia e o ritmo acelerado da inflação. Tudo era rapidamente silenciado ou timidamente comentado para não atingir o "presidente", pretensamente o único capaz de evitar o mal maior. O povo, seu estado de espírito e seus anseios, não contava. Era como se não existisse.

Ocorreu o acidente fatal com Juscelino Kubitschek. Então revelou-se o outro lado da situação, entrou em cena o dado real e decisivo que sempre falta nos cálculos dos políticos das classes dominantes - a atitude do povo. Milhares de pessoas no Rio de Janeiro e cem mil em Brasília vieram às ruas tributar homenagem póstuma a JK, cassado pelos governantes militares e que presidiu o país entre 1956/61. Seu enterro deu motivo a uma gigantesca demonstração de repúdio à ditadura. Desde as 16 horas, com a chegada do corpo à Capital Federal, até as 24 horas, quando foi sepultado, a imensa multidão não cessou de exprimir sua repulsa ao regime dos generais. Não tinha pressa de chegar ao cemitério nem de terminar a cerimônia fúnebre. Estava disposta a fazer sentir a força de sua presença na praça pública e a manifestar o mais demoradamente possível sua condenação ao sistema arbitrário em vigor. Percorreu a cidade, clamando e cantando. De instante a instante bradava: "Abaixo a ditadura!", "Viva a Liberdade!". Entoava em coro o refrão do Hino da Independência: Ou ficar a pátria livre ou morrer pelo Brasil", refrão de estímulo à luta consequente contra os entreguistas e serviçais do capital estrangeiro. E cantava também, a uma só voz, a marchinha: "Está chegando a hora... o dia já vem raiando" numa alusão clara à hora de derrubar o governo tirânico. Jamais houve enterro semelhante no país.

Às demonstrações populares somaram-se igualmente enfáticas declarações de diferentes setores políticos. Eles expressaram de variadas formas anseios democráticos, embora em tom moderado. Insistiram nos temas: "Tolerância, Anistia"; "Governo sem presos políticos"; "Governo com liberdade de imprensa e respeito à Constituição" relacionando-os ao período administrativo do ex-presidente, cuja morte deu ensejo à generalização de reivindicações democráticas.

Os generais engoliram em seco. Surpreendidos e na defensiva, tentaram primeiro desconhecer simplesmente a morte de Juscelino e, em seguida, impedir as manifestações antiditatoriais. Mas se viram impotentes face ao movimento de massas que surgiu espontâneo e poderoso. Ensaiaram no aeroporto Santos Dumont, no Rio, e depois em Brasília empregar a força. Tiveram, todavia, que recuar. O povo não tomou conhecimento das ameaças e no momento em que estas se acentuaram gritou bem alto: "Quem bater, apanha também".

Desde 1968, quando a repressão se fez mais brutal, não se verificava tão expressiva e combativa manifestação de rua com a participação de grandes massas. É um claro sinal dos tempos, indicador seguro de que o descontentamento popular vai assumindo características novas e tende a extravasar em resolutos pronunciamentos contra a ditadura. O povo já não pode suportar a grave situação a que os militares conduziram o país. Apesar de contido pela rea-

ção feroz, procura as formas de exprimir sua indignação e sempre que surge uma oportunidade eleva sua voz de protesto e se dispõe a realizar amplas ações.

Os acontecimentos recém-ocorridos vêm demonstrar aos pessimistas, aos que pensam que o povo está apático e os generais tudo podem, que a realidade é bem outra. O estado de espírito das massas é de profunda insatisfação e vontade de luta. Na verdade, os generais acham-se isolados e são odiados. Ainda blasonam poderio e pretendem continuar por muito tempo no Poder. Fazem chantagens com a oposição consentida. Mas estão cada vez mais débeis porque têm contra eles a maioria da nação. Na praça pública, veementemente, o povo mostrou que não está interessado nos conchavos de bastidores que certos políticos levam a efeito, nem na falsa unidade com os militares fascistas. O que desejam é derrubar a ditadura, pôr fim em definitivo ao sistema antinacional e antipopular que há doze anos o oprime e esfomeia.

E não existe outro caminho para modificar a situação presente. Somente a oposição decidida, a luta enérgica em todos os terrenos pode alcançar esse objetivo. A conciliação serve apenas para dilatar a vida do sinistro regime imposto pelo golpe de 1964. Quanto mais conciliação ou recuo das posições democráticas maior será a arrogância dos generais e sua prepotência sobre a nação. Unidade, sim. Mas unidade contra o governo de arbítrio, em torno de bandeiras bem definidas que traduzam o sentimento da maioria dos brasileiros. Estas, já desfraldadas pelas correntes progressistas, inserem as reivindicações da Assembléia Constituinte livremente eleita; Abolição de todos os atos e leis de exceção; Anistia Geral..

A grande manifestação antiditatorial do Rio e de Brasília terá inevitavelmente consequências. Estimulará as forças populares a novas ações de vulto. Obrigará os militares a revisar seus esquemas. Repercutirá sobre o ânimo das correntes de oposição. É ainda mais necessário, assim, intensificar o esforço para organizar e unir os trabalhadores e as amplas massas a fim de que o descontentamento crescente contra a política dos generais se transforme num irrefreável movimento de rebeldia nacional.

ooooooooooooooo

E R R A T A

No artigo intitulado P T A - AUTÊNTICA VANGUARDA REVOLUCIONÁRIA, publicado no último número de A CLASSE OPERÁRIA, onde se diz: "Na atualidade, os salários mais altos na Albânia são apenas três e meia vezes superiores aos comuns, desigualdade que tende a reduzir-se, etc." - leia-se: "Na atualidade, os salários mais altos na Albânia são apenas duas e meia vezes superiores aos comuns, desigualdade que tende a reduzir-se, etc."

GLORIOSA JORNADA DE LUTA

A resistência armada do Araguaia é um acontecimento de destacada importância na vida do país. Ainda mal divulgada e pouco conhecida das amplas massas, devido em boa parte à férrea censura e aos manejos da ditadura que tudo fez para ocultá-la, representa um marco no processo da luta pela libertação do povo brasileiro. Seu significado político e os ensinamentos que encerra precisam ser salientados e difundidos. Eles ajudam a iluminar o caminho da guerra popular, único meio de livrar a nação da espoliação estrangeira e do domínio das forças reacionárias.

O Partido Comunista do Brasil, defensor intimorato dos interesses das grandes massas, pregoeiro da luta de libertação nacional e da autêntica democracia, participou ativamente dessa gloriosa jornada, plena de dedicação e de sacrifícios em prol dos direitos do povo.

\- 1 -

Habitado fundamentalmente por camponeses pobres que para lá se dirigiram à procura de terras devolutas onde pudessem plantar e retirar o indispensável à sua subsistência, a região do Araguaia pode ser considerada zona de posseiros.

A partir de 1970, intensificou-se aí a grilagem. Falsos proprietários, mancomunados com a polícia e utilizando pistoleiros, começaram a expulsar antigos moradores de suas glebas. A SUDAM respaldava a ação predatória dos grileiros, aprovando projetos mirabolantes sem considerar a origem da propriedade neles indicada. Muitas centenas de famílias camponesas foram desalojadas à força dos municípios de Luciara e Conceição do Araguaia. Próximo de Xambioá, em São Geraldo, o grileiro de nome Antonino exigiu a retirada de duzentas famílias de área que dizia ser sua. Às margens do Gameleira, rio que deságua na altura da cachoeira de Santa Isabel, um capitão reformado da Aeronáutica tratava de incorporar à CAPINGO as zonas adjacentes, sem quaisquer indenizações aos que lá viviam. Na ilha de São Vicente, defronte de Araguatins, duas centenas de lavradores recebiam intimação para deixar o lugar. Mais além, em São Domingos do Capim, seiscentas famílias eram atiradas ao desabrigo pelos fazendeiros da "Parapora". O descontentamento crescia entre os homens do campo que se recusavam a abandonar suas terras. Repetiam-se as ações policiais, violentas e arbitrárias. As Forças Armadas, em fins de 1970, haviam realizado manobras militares na área do Araguaia-Tocantins com propósitos intimidativos.

A 12 de abril de 1972, numa operação repressiva de grande envergadura e a pretexto de combater a subversão, as Forças Armadas atacaram moradores do sul do Pará, tentando prender ou liquidar fisicamente os elementos mais esclarecidos e decididos do lugar e, ao mesmo tempo, atemorizar e subjugar a população. Usando aviões e helicópteros, lanchas da Marinha de Guerra e milhares de soldados, ocuparam a região que vai de Conceição do Araguaia, passando por Xambioá, até Marabá. Através de estradas e picadas, penetraram na zona da selva em busca de "subversivos". Exigiram a imediata capitulação de todos os habitantes.

Ao invés de se submeter ou de se retirar, os moradores mais resolutos resolveram revidar à violência reacionária. Empunharam as armas de que dispunham, organizaram grupos de guerrilha e ofereceram resistência aos agressores. Refugiaram-se nas matas para melhor se defender das tropas da ditadura, bem armadas, e em número incomparavelmente superior. Responderam ao ultimato do Exército com a decisão de lutar sem esmorecimento.

\- 2 -

Durante mais de dois anos travou-se renhida luta. O Exército realizou três grandes e aparatosas campanhas, em conjunto com a Aeronáutica, a Marinha e a Polícia Militar, contando com armamento moderno e vastos recursos materiais. Na primeira - em abril/junho de 1972 - pôs em ação 5 mil homens; na segunda - em setembro/novembro de 1972 - empregou 15 mil homens; na terceira, de outubro de 73 a maio de 1974, mobilizou de 5 a 6 mil soldados. Ocupou todas as cidades, vilas e luga-

rejos da região, instalou-se nas fazendas e sedes de castanhais. Prendeu, espancou e torturou centenas de lavradores, queimou seus barracos e suas roças, seus paióis de milho e arroz, assassinou populares, matou friamente prisioneiros e feridos em combate. Submeteu a vexames e humilhações padres e freiras, comerciantes e pessoas influentes. Obrigou os trabalhadores rurais a usar carteiras especiais de identificação para circular na área. Criou mais cinco batalhões de infantaria da selva e construiu, a toque de caixa, enormes instalações militares na Amazônia. A região foi praticamente isolada do resto do país. O Exército apelou também para o engodo. Ele, que sempre se colocou ao lado dos poderosos, recorreu à chamada Operação ACISO(Ação Cívico Social), fornecendo remédios e extraindo dentes, gratuitamente, buscando iludir os moradores. O INCRA fez promessas de legalização das posses. Nessas três campanhas foram gastos vultosos recursos financeiros da nação.

Os moradores do sul do Pará , que tinham decidido resistir, desfraldaram desde o início a bandeira da defesa do povo pobre, da luta pela terra e pelos direitos da população abandonada do interior. Formularam um programa que expressava as reivindicações mais sentidas da região as quais, por sua natureza, são idênticas às de muitas outras zonas do campo brasileiro e fundaram a União pela Liberdade e Direitos do Povo para congregar, em frente-única, a população interiorana. Ao mesmo tempo, como decorrência da ação em que estavam empenhados contra tropas federais, reclamaram a liquidação do regime antipopular e antinacional, pugnando pela união dos oprimidos do interior com as massas populares das cidades a fim de derrubar a ditadura fascista e conquistar uma vida nova. As Forças Guerrilheiras do Araguaia, organizadas como o braço armado das massas, realizarem múltiplas ações contra os contingentes do governo, desde o simples fustigamento até emboscadas e assaltos a postos militares, causando-lhes baixas. Justiçaram pistoleiros e bate-paus. Os que combatiam também trabalhavam nas roças e os que lavravam a terra ajudavam de diferentes formas aos que enfrentavam o inimigo. Os guerrilheiros inauguraram, no Brasil, o sistema de luta na selva, recolhendo fecunda experiência. Desse modo, num período de mais de dois anos, a resistência armada conseguiu subsistir organizadamente aos ataques furiosos do Exército, baseando-se nas próprias forças e com o apoio e a simpatia de mais de 90% da população.

3 -

A luta travada no Araguaia possui profundo significado político. O povo brasileiro, oprimido por uma infame ditadura, ansioso de liberdade e de independência, tem nessa luta uma manifestação, autêntica e consequente, dos seus mais caros anseios. Ali foi dado o passo inicial da marcha que é preciso empreender na conquista de uma vida melhor. Esse fato auspicioso demonstra que a idéia de pegar em armas para alcançar um regime popular não só amadurece como pode ser levada à prática. Única maneira de resolver a grave situação em que o Brasil se encontra, a revolução é uma aspiração do povo que, desde há muito, vem procurando o melhor modo de efetivá-la.

A resistência do Araguaia é uma ação concreta que indica a viabilidade da guerra popular, método já comprovado em vários países para conseguir a libertação. Um pequeno número de combatentes, mal armados, com pouca experiência militar, possuindo parcos recursos pôde, apesar disto, enfrentar enormes contingentes de tropas federais. Integrado com as massas e nelas apoiado, utilizando a mata como o meio natural de resguardar-se das investidas inimigas, desafiou a arrogância dos generais, assestou golpes na reação. O Exército viu-se em grandes dificuldades para reprimir os guerrilheiros. Mobilizou batalhões de diversos Estados da Federação, estabeleceu comandos especiais, construiu estradas e pistas de pouso para o seu deslocamento. E assistiu ao fracasso de muitas de suas arremetidas contra o "povo da mata".

A luta do Araguaia levou a idéia da revolução para o campo não apenas no sul do Pará mas também nas áreas fronteiriças dos Estados de Mato Grosso, Goiás e Maranhão. Essa parte do interior, submetida e relativamente apática, passou a viver um clima de guerra. Sua popu

lação, explorada e oprimida por um sistema arcaico e reacionário, pôde ver na prática a maneira de como sair do cativeiro em que vive. A resistência armada quebrou o marasmo, abriu-lhe novas perspectivas. E mostrou o quanto é grande o potencial revolucionário existente nas zonas rurais. Enquanto a guerrilha se mantinha ativa, os lavradores observaram o temor refletido nos bate-paus, na polícia, nos exploradores em geral e viram, por duas vezes, as Forças Armadas recuarem da mata sem conseguir os objetivos traçados. Boa parte deles teve a oportunidade de discutir livremente seus problemas mais sentidos sob um ângulo novo e debater o caminho da libertação, elevou sua consciência política. O Exército que, para muitos era até então considerado digno de respeito, apareceu-lhes tal qual é - uma força de repressão contra o povo capaz dos crimes mais abomináveis.

O fato de que essa resistência se tenha verificado em região amazônica adquire relevo especial. Desde fins da década de 60, a Amazônia vem sendo objeto de desenfreada espoliação e de intensa devastação de seus recursos naturais. Suas terras são griladas ou cedidas a poderosos consórcios, suas riquezas passam às mãos de trustes estrangeiros. No norte do Pará (para falar apenas desse Estado), Daniel Ludwig, multimilionário norteamericano, apossou-se de 1,5 milhão de hectares de terra e de reservas minerais. No sul do Pará, instalaram-se diversos grupos financeiros ocupando vasta área, entre os quais Sul América, Atlântica--Boa Vista, Peixoto de Castro, Bradesco; Volkswagen e Atlas (alemães); King's Ranch e John Davis (ianques). A United Steel Corp. tomou conta das fabulosas jazidas de ferro e manganês da Serra dos Carajás. Em Tucuruí constrói-se gigantesca usina hidrelétrica para beneficiar a bauxita já em poder de monopólios japoneses, alemães, suíços e outros. E quando isto sucede, os camponeses são escorraçados e os patriotas perseguidos. A luta no Araguaia não pode deixar de representar uma advertência e um brado de protesto contra a política criminosa dos militares na Amazônia. Ela exprime os sentimentos da grande maioria dos brasileiros justamente revoltados com a penetração estrangeira, com a devastação irracional das florestas e a expansão do latifúndio, com o saque das riquezas ali existentes.

A ação realizada no Araguaia significa também um golpe nas tentativas da ditadura de apresentar como definitivamente esmagado o movimento popular. A partir de fins de 1968, os generais intensificaram o terrorismo no país. Torturaram milhares de pessoas, assassinaram centenas de patriotas. Pensavam que, dessa forma, haviam assegurado a"ordem" insistentemente reclamada por capitalistas estrangeiros e por reacionários nativos. Todavia, não puderam impedir o surgimento no sul do Pará, a nível ainda mais alto,da luta popular. Trataram de abafá-la através da censura. Somente em março de 1975, e assim mesmo distorcendo os fatos, fizeram referência oficial aos acontecimentos: publicamente Geisel reconheceu a existência do movimento guerrilheiro, dizendo, porém, tê-lo "reduzido". A resistência armada veio mostrar que o movimento democrático e antiimperialista, embora temporariamente contido, continua se desenvolvendo, ganhando forças e adquirindo maturidade.

A guerrilha do Araguaia alcançou repercussão internacional. Foi saudada em muitos países, em particular na América Latina, com entusiasmo e interesse. Isto porque a luta do povo brasileiro é parte da luta mundial dos povos contra a reação e o imperialismo. O aparecimento da ação armada no campo do Brasil, fato novo e promissor, refletiu-se positivamente no conjunto do movimento emancipacionista.

- 4 -

Mas esse primeiro ensaio, a heróica resistência do sul do Pará, não conseguiu consolidar-se nem se transformar no amplo e extenso movimento popular armado que se faz necessário, conquanto tivesse obtido êxitos significativos e apresentado uma nova perspectiva à nação. Ergueu bem alto a bandeira da revolução popular indicando às massas do interior e das cidades o verdadeiro rumo a seguir. Despertou o povo pobre e oprimido da região para a luta conseqüente por seus direitos. Contribuiu para desmascarar mais ainda o caráter repressivo e terrorista das Forças Armadas. Elaborou o programa "Em Defesa do Povo Pobre

e pelo Progresso do Interior", iniciando a criação de núcleos da União pela Liberdade e Direitos do Povo. Adquiriu experiência de luta guerrilheira na mata.

Apesar, porém, de sua bravura e desprendimento e de haver conseguido o apoio e a simpatia da população local, o movimento guerrilheiro do Araguaia, após mais de dois anos de resistência organizada, teve de retroceder. Limitando-se a uma zona pouco extensa, tornou-se-lhe inviável atingir largos setores da população. Não chegou a criar sólida base política de massas. Tampouco dispôs de suficiente apoio logístico, obrigado que fora a improvisá-lo diante do ataque do inimigo. Ressentiu-se da falta de uma retaguarda segura e de maior domínio da arte de fazer a guerra. E com o agravamento de circunstâncias desfavoráveis fizera-se difícil levar adiante, do mesmo modo que anteriormente, a grande tarefa a qual se propusera. Desfalcada de alguns comandantes tombados na luta, a guerrilha dispersou-se para evitar o assédio do Exército e poder procurar outras formas de atuação.

Se a guerrilha, no entanto, não atingiu os fins almejados, o Exército, por sua vez, sofreu sério desgaste político e militar. Devido as arbitrariedades cometidas atraiu o ódio da população e o chão que pisa no sul do Pará apresenta-se-lhe adverso. Passados mais de quatro anos do início da agressão, até hoje não pôde retirar-se completamente da área conturbada, que é mantida sob permanente controle. Prossegue, sem escrúpulos, acossando moradores e arremetendo contra posseiros, em defesa dos que se assenhorearam ilegalmente de consideráveis faixas de terreno.

Enquanto isto, o exemplo do Araguaia continua inspirando os pobres do campo, pois a ação armada e a unidade popular tornaram-se imperativas para derrubar o atual regime e terminar com a prepotência dos senhores de terra e com a grilagem. Sua bandeira tremula nas mãos do povo. Muitos são os camponeses que não mais se conformam com as violências dos grileiros ou dos grandes fazendeiros. Organizam coletivamente a resistência, respondem às ameaças de expulsão de suas glebas com a luta, sem temer os pistoleiros nem as forças policiais. Os choques se repetem, inclusive armados. Em São Pedro da Água Branca, perto do Araguaia, os posseiros levantaram-se contra a grilagem de suas terras, prenderam jagunços e soldados da polícia de Marabá, revidaram com as armas o assalto dos grileiros. Recentemente, na PA-70, também próximo da região do Araguaia, dezenas de posseiros realizaram ação coletiva armada contra as provocações do ianque John Davis e seus familiares que, pela força, tentavam desalojá-los de suas posses. Do choque resultou a morte desse aventureiro e espião, e de dois de seus filhos. O Exército, igual que antes, acorreu em auxílio dos grileiros, prendendo, torturando e caçando na mata os lavradores que, em legítima defesa, opuseram-se aos desmandos dos intrusos norte-americanos. Mostrou, uma vez mais, que sua principal função é defender os exploradores e atacar as massas populares apenas estas se erguem para reclamar seus direitos.

\- 5 -

Da resistência do sul do Pará surgem valiosas experiências tanto de sentido político como militar. As vitórias e as derrotas na luta de emancipação constituem ensinamentos para o povo. Árdua e prolongada, a guerra popular é um processo que inclui avanços e recuos, sucessos e revezes. Seu início, em especial, oferece inúmeras dificuldades, pois nas condições do Brasil muito terá de ser feito para torná-la realidade. Persistindo-se, porém, na idéia de que o pequeno se transforma em grande, a inexistência dá lugar à existência, a debilidade se converte em força, assim como de que é preciso fortalecer a aliança entre os oprimidos e explorados das cidades e do campo, vencer-se-ão todos os obstáculos na realização da grandiosa tarefa dos nossos dias - a guerra popular.

A resistência do Araguaia demonstra que a luta é inevitável e indispensável e que somente apoiado nas massas será possível vencer.

No entanto, para conseguir a vitória e destruir os alicerces da reação é fundamental que a luta englobe amplas massas e se desenvolva em várias frentes. Não basta um só araguaia, são necessários diversos araguaias. Se a luta ali surgida se tivesse multiplicado por outros rincões do interior, contando com apoio

popular, então seria muito mais custoso ao inimigo concentrar forças no combate à guerrilha, esta teria maior liberdade de movimento, de arregimentação e mobilização de massas. Condições objetivas para isto, existem. Os fatores que deram lugar aos embates no sul do Pará atuam de igual modo - e às vezes mais ativos - em boa parte do território nacional. Os camponeses não possuem terra ou são constantemente vítimas da grilagem. Privados de quaisquer direitos, explorados, perseguidos e humilhados, carecem dos mínimos recursos. A revolução para eles é uma necessidade. Também é grande o número de patriotas e democratas, em todo o país, que almejam liquidar a tirania e conquistar um regime de liberdade e independência.

As cidades, as vilas e os lugarejos do interior têm de prestar efetiva colaboração às ações armadas no campo. A experiência indica que, quando se desenvolve o movimento guerrilheiro, as cidades, as vilas e os lugarejos próximos se transformam em pontos de concentração de tropas, em sedes de seus comandos antiguerrilheiros, dos seus serviços de comunicação e saúde, em lugares de recrutamento das pessoas conhecedoras da região. Durante as campanhas contra a resistência do Araguaia, as cidades de Marabá, Araguatins, Xambioá, Araguaína, Imperatriz, as vilas de São Domingos das Latas, Palestina, São Geraldo, Aruanã, entre outras, foram centros de intensa atividade das Forças Armadas que também aí praticaram violências e arbitrariedades. Às correntes progressistas nas localidades interioranas cabe tomar a iniciativa. Simultaneamente com a defesa das reivindicações locais, precisam apoiar em todos os sentidos os combatentes do povo, organizar elementos capazes de realizar atos de diferentes tipos com a finalidade de golpear o inimigo e criar situação insustentável às tropas da reação.

Igualmente o movimento popular nos centros urbanos tem de entrosar-se mais com a luta no campo e dar-lhe ajuda eficaz. Ainda que as ações decisivas se desenrolem nas zonas rurais, as cidades, onde se concentram consideráveis parcelas da população brasileira, necessitam concorrer de distintas maneiras para impulsionar o processo revolucionário não só desenvolvendo as lutas pelos interesses do povo e de oposição à ditadura, fornecendo auxílio aos combatentes do interior, divulgando amplamente seus feitos, como também obrigando o inimigo a imobilizar forças e, quando possível, realizando ações de envergadura contra as bases da reação. A guerrilha do Araguaia contou com certo apoio das cidades. Estas enviaram combatentes e recursos materiais, divulgaram de algum modo a resistência armada. Mas esse apoio não foi em escala de massas, mostrou-se muito limitado. A divulgação alcançou apenas reduzidos setores, quando podiam ter sido usados métodos audaciosos que garantissem sua ampliação. Sem dúvida, o país vive sob uma ditadura terrorista. Todavia, é indispensável superar as dificuldades e converter as cidades em núcleos de apoio ativo à luta do interior. O movimento popular no campo e nas cidades, ainda que sob formas diferentes, tem idêntico conteúdo. Deve sintonizar-se melhor.

Assume grande importância, outrossim, a questão do maior domínio da arte militar. Não se pode aspirar a derrotar o imperialismo e a reação no Brasil sem estudar seriamente a arte de fazer a guerra. O nível de conhecimento nesse setor, conforme demonstrou a experiência do Araguaia, é ainda pequeno. Ali surgiu interessante contribuição tanto no que se refere à organização guerrilheira e à luta na selva, à disciplina nos grupos armados, ao sistema de abastecimento, acampamento e conservação das armas, como no relacionamento entre os combatentes e as massas. Mas também se manifestaram insuficiências e erros que ocasionaram prejuízos. O estudo e a assimilação das experiências militares do nosso povo, como de outros povos, o exame crítico das ações militares do sul do Pará, ajudarão sem dúvida à elevação dos conhecimentos necessários. Somente se podem resolver os problemas da luta armada, do modo de conduzir com êxito a guerra popular, possuindo o domínio da arte militar. O inimigo, atualmente, está mais atento e melhor preparado, disposto a cometer toda a sorte de violências contra o povo, sempre que este se levante. Não deve ser subestimado. Contudo, pode ser batido, é vulnerável porque defende uma causa intrinsecamente antinacional e antipopular.

- 6 -

Às forças de vanguarda cabe a honrosa tarefa de trabalhar arduamente em prol do desencadeamento da luta armada, de sua correta condução e eficiente direção. A guerra popular não resulta simplesmente do movimento espontâneo de massas, requer atividade política e organizativa dirigida, sério esforço para prepará-la em todos os terrenos, assim como orientação justa que corresponda às sentidas aspirações das massas.

Lutador incansável pela liberdade e independência nacional, por transformações radicais na estrutura agrária, o Partido Comunista do Brasil empenha-se, sem medir sacrifícios, em ajudar o povo brasileiro a se levantar e a pôr fim ao atual sistema de exploração e opressão, a conquistar um regime popular. É natural, pois, que militantes e dirigentes do Partido tenham tomado parte na resistência do Araguaia.

Imbuídos da linha partidária - que considera o campo o cenário favorável ao desenvolvimento das ações revolucionárias do nosso povo, tendo os camponeses pobres e os assalariados agrícolas como a massa principal dos combatentes - membros do Partido deslocaram-se para o interior a fim de integrar-se com as massas e criar condições propícias ao surgimento de suas lutas. No sul do Pará viveram vários anos, intimamente ligados ao povo. Do mesmo modo que os camponeses, derrubaram a mata, construíram suas modestas casas, cultivaram a terra de onde tiravam meios de subsistência. Viram e sentiram o quanto é difícil a vida dos pobres do interior. Conheceram seus sofrimentos, as humilhações a que estão sujeitos, as perseguições da polícia e do fisco, o abandono a que são relegados. Observaram de perto a atividade dos grileiros expulsando da mais desumana forma os lavradores das glebas que ocupavam. Sofreram, como os que lá vivem, as doenças locais - a malária, a leishmaniose, a verminose, as frieiras brabas. Por sua reconhecida disposição de servir o povo, de ajudá-lo em suas fainas, dificuldades e doenças, tornaram-se pessoas queridas de todos, respeitadas e ouvidas. Entre eles encontrava-se Maurício Grabois, exemplo de dirigente comunista.

Quando as tropas federais atacaram a região do Araguaia, em abril de 1972, os comunistas que lá se achavam não vacilaram em recorrer à resistência armada. Entusiastas da revolução, indicaram pela ação prática, pela iniciativa de vanguarda, o verdadeiro caminho para os oprimidos conquistarem seus direitos. Foram os melhores organizadores e os mais decididos combatentes das Forças Guerrilheiras do Araguaia. Contribuíram na elaboração do programa de luta e na criação da organização política de massas. Durante a refrega, estreitaram ainda mais suas ligações com o povo e realizaram intenso trabalho de elevação de sua consciência política.

Muitos comunistas, homens e mulheres, derramaram seu sangue generoso enfrentando as tropas da ditadura fascista. Entre outros, Elenira Resende, antiga dirigente da UNE; o médico João Carlos Haas; o cientista e geólogo Antônio Monteiro Teixeira; o pesquisador Kleber; os universitários Bergson Gurjão, Lúcia Maria da Silva (Sônia), Flávio Salazar, Idalício Aranha; o ex-marinheiro participante do movimento aliancista de 1935, Francisco Chaves; o líder bancário carioca José Toledo; a professora Maria Lúcia Petit; e jovens, saídos da massa popular, como André Grabois (José Carlos), Nunes, João Gualberto (Zebão), Ari, Cazuza, Nelson Dourado (Nelito), Manuel Nurquis e Adriano Fonseca. Junto com eles caíram lavradores como Alfredo, Lourival e outros. São mártires e heróis, filhos diletos e inesquecíveis do povo brasileiro. Cumpriram com honra e até o fim seu dever de revolucionários, de lutadores abnegados da causa popular. Morreram batendo-se pelos direitos da gente simples do interior, pela liberdade, contra os opressores da nação.

Os pobres do campo puderam comprovar a atuação desprendida e corajosa dos comunistas, e observar de bem perto quem são seus verdadeiros amigos e quais os seus mais cruéis inimigos. Enquanto os comunistas, integrados com as massas, ajudavam em tudo quanto podiam à população sofrida, colocavam-se ao seu lado e apontavam-lhe o caminho da libertação, o Exército, a serviço dos poderosos, incendiava roças e barracos, prendia jovens e velhos, espancava e assassinava, obrigava

os lavradores a sair do local em que habitavam. Não há esforço capaz de apagar da memória dos moradores do sul do Pará figuras tão humanas, dignas e solidárias, como as de Osvaldo Orlando da Costa (Mineirão), João Carlos, Dina, Sônia, Piauí, Joca, Paulo Rodrigues e tantos outros comunistas.

Desesperados ante o espírito de decisão dos autênticos revolucionários, o governo dos militares converteu os comunistas no alvo principal, em todo o país, de sua fúria criminosa. Também nas cidades prendeu e torturou centenas de militantes e assassinou friamente no cárcere quatro dirigentes do Partido - Carlos Danielli, Lincoln Oest, Luís Guilhardini e Lincoln Bicalho Roque. Agiu dessa forma porque sabe que os comunistas são a vanguarda do povo, a parte mais consciente e resoluta da nação, os adversários intransigentes da ditadura e da subordinação do Brasil ao capital estrangeiro. Precisamente por cumprirem seu dever de patriotas, de democratas e de revolucionários, nas linhas avançadas do movimento popular, é que os comunistas atraem o ódio profundo da reação e do imperialismo. Esse ódio, no entanto, somente pode honrar os que dele são objeto.

Ao levantar bem alto a bandeira da luta contra a tirania, o Partido Comunista do Brasil demonstrou ser um batalhador consequente dos interesses do povo pobre e da maioria da nação. É hoje o Partido da resistência armada do Araguaia. É o porta-estandarte das aspirações revolucionárias da população explorada e oprimida do país.

Como força de vanguarda, o PC prosseguirá aprofundando o exame das experiências e lições que fluem do conflito verificado no sul do Pará as quais enriquecem o arsenal de lutas do povo brasileiro. Procurará dele tirar todos os ensinamentos e formular indicações que contribuam para a realização exitosa da guerra popular, para levar as correntes populares à vitória.

o
o o

Os gloriosos embates do Araguaia continuarão por muito tempo inspirando novas façanhas de nosso povo, admirador e defensor das causas nobres. Os que almejam sinceramente a libertação nacional e social aprenderão de seus êxitos e revezes, do espírito de luta e da bravura dos que neles se envolveram.

Araguaia é exemplo de ousadia, firmeza e tenacidade que alenta os democratas e patriotas. Apesar das imensas dificuldades a vencer, dos ingentes sacrifícios a suportar, é somente recorrendo às armas que os brasileiros poderão ver sua pátria livre, soberana, unida e na senda do progresso.

OUÇA DIARIAMENTE:

RÁDIO TIRANA: Das 20 às 21 horas
Das 22 às 23 horas

Ondas de 31 e 42 metros

RÁDIO PEQUIM: Das 19 às 20 horas
Das 21 às 22 horas

Ondas de 19, 25 e 42 metros

MÉDICO E GUERRILHEIRO - HERÓI DO POVO

Há quatro anos, no dia 30 de setembro de 1972, morria em combate com uma patrulha do Exército, nas selvas do Araguaia, sul do Pará, o médico João Carlos Haas Sobrinho. Terminava assim uma vida dominada por uma única, profunda e serena paixão: a libertação do povo brasileiro.

Haas nasceu no extremo oposto do país, no Rio Grande do Sul, em São Leopoldo, a 30 quilômetros de Porto Alegre. Essa cidade foi o primeiro núcleo de colonização alemã no Brasil. Como tantas outras cidades do Vale do Rio dos Sinos, é um centro de pequenas e médias indústrias, muitas delas originárias das oficinas artesanais dos primeiros colonos. Conta com numerosa burguesia, no seio da qual o fascismo fez adeptos nas décadas de trinta e quarenta. Tem também uma classe operária já antiga, onde as cabeças louras dos descendentes dos primeiros colonos se misturam às cabeças morenas dos caboclos gaúchos. Nessa região a questão social surgiu cedo. Provavelmente não é casual que Lindolfo Collor, primeiro Ministro do Trabalho da chamada revolução de 30 e um dos idealizadores do social-reformismo getulista, fosse natural de São Leopoldo.

João Carlos Haas, nasceu de conhecida família de industriais do couro. Foi o caso típico de um jovem intelectual de origem burguesa que evoluiu para as posições do inconformismo cristão, seguiu adiante, até encontrar o marxismo, identificar-se com ele e assumir, no plano prático, o mais completo, acabado e consequente compromissamento revolucionário.

No caso de Haas, essa evolução principiou com sua incorporação ao movimento democrático estudantil. No começo da década de 60, ele ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A efervescência daqueles anos, que abrangeu o Brasil inteiro, teve um dos seus pontos iniciais na resistência veri icada em Porto Alegre à frustada tentativa de golpe dos militares reacionários, em face da renúncia de Jânio Quadros, em agosto de 1961. Liderada pelo então governador Leonel Brizola, a "luta da legalidade" mobilizou importantes setores da população e a parcela mais resoluta dos estudantes. As ambiguidades de João Goulart determinaram que o movimento terminasse por uma solução de compromisso, uma meia-vitória. Os generais recolheram as armas, em recuo forçado, conservando-as em bom estado para ocasião propícia, que se declarou em 1964. De qualquer forma, o êxito parcial e provisório de 1961 estimulou o clima de intensa politização e euforia combativa que então se apoderava sobretudo dos estudantes. Para isso contribuía também a vitória ainda recente da Revolução Cubana. A própria composição social do estudantado havia sofrido certa modificação: crescera o número de universitário de origem pobre. A realidade do Brasil, como país dependente, com um povo espoliado até os piores extremos da pauperização por patrões nacionais e estrangeiros , tornara-se mais evidente para a jovem intelectualidade agrupada em faculdades mais numerosas e com matrículas ampliadas. As peças e as farsas encenadas pelo Centro de Cultura Popular da UNE, perante platéias de milhares de estudantes, refletiam e acentuavam este clima.

Na Faculdade de Medicina, da qual era aluno brilhante, João Carlos começou a destacar-se como líder estudantil. Logo depois do golpe militar, em 1964, ocupou a presidência do Centro Acadêmico Sarmento Leite, diretório dos estudantes de Medicina. Nessa qualidade foi preso. Portou-se com dignidade e altivez. Um delegado do DOPS que o esbofeteou - acabou pedindo desculpas. A ditadura militar recém-ensaiava os primeiros passos do terror policial sistemático, que se transformou na sua mais marcante característica e no seu principal método de governo.

Posto em liberdade, Haas prosseguiu na luta. Concluiu o último ano do curso médico, continuando

seu aprendizado como interno de hospital. Nessa época, já fizera sua opção: ingressara no Partido Comunista do Brasil. Como integrante da direção local da organização partidária, trava seus primeiros contatos com tipos humanos que, para ela, implicavam numa experiência inédita, que o movimento estudantil, por si só, não propicia: os operários conscientes, os trabalhadores comunistas. Essa experiência parece tê-lo marcado profundamente e contribuído para a decisão básica de sua vida: a de dedicá-la inteiramente à luta revolucionária. Assim, o fim do curso universitário que, para a maioria dos estudantes, envolve diminuição da atividade política - ou mesmo sua cessação - foi para ele o início dede nova etapa de atuação, muito mais intensa do que a anterior. Deu as costas a todas as vantagens pessoais que o tranquilo exercício da medicina certamente lhe traria e lançou-se de corpo e alma à luta, sem olhar riscos e sacrifícios.

Fê-lo, porém, da maneira que lhe era típica: pensadamente, sem precipitações ou rompantes de entusiasmo superficial. Tudo nele era calma profunda; nada era fogo de palha. Alguns dos seus companheiros não entenderam, por exemplo, a sua preocupação em tirar um ano de residência médica em hospital. Viram nisso um princípio de acomodação. Tais desconfianças não afetaram a decisão de Haas. Na verdade, o que ele pretendia era concluir um aprendizado que, com o seu realismo de sempre, sabia estar incompleto. E isto parecia-lhe importante exatamente porque entendia que a condição de médico poderia ser útil na sua atuação de militante.

E foi como médico que se transferiu, em 1967, para a pequena cidade de Porto Franco, no Maranhão, às margens do rio Tocantins. Lá instalou modesto hospital. Era o único médico da região, que abrangia também a cidade de Tocantinópolis, do outro lado do rio, em Goiás. Em pouco tempo, tornou-se uma das figuras mais conhecidas e queridas de toda a área. Fazia clínica geral e cirurgia, mostrando-se profissional competente e dedicado. Atendia a todos os pacientes, sem indagar se podiam pagar-lhe ou não. Sua fama de médico capaz e de homem bom estendia-se entre aquela população desprovida de recursos e e assistência, atingindo localidades muito distantes.

Algum tempo depois de instalado em Porto Franco, seu nome e fotografia apareceram na primeira página de jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro, como suspeito de participação numa das primeiras ações de *foquismo* urbano na capital paulista. Na verdade, a repressão, desorientada e com base em seus arquivos, o confundia com outra pessoa, por semelhança de descrição, e talvez de profissão e nome. Para os que o conheciam, era evidente que o noticiário não correspondia à verdade, embora há muito tempo não o vissem. Isso por uma razão de todos sabida: João Carlos discordava dos métodos de ação armada de grupos isolados, por considerá-los ineficazes e prejudiciais, implicando em desviar preciosas energias revolucionárias para direção errada, inconcludente e desgastante. Exatamente no Rio Grande do Sul, antes que noutros lugares, a experiência já fora feita por determinados setores que combatiam a ditadura e confirmara essa apreciação crítica que, antecipadamente, Haas e seus companheiros haviam expressado.

Mas o noticiário e a fotografia foram publicados também em jornais do interior do país, inclusive em São Luís do Maranhão. Procurado em toda a parte, Haas, obviamente, não poderia continuar a viver em Porto Franco, sujeito a ser atingido pela repressão que já se havia revelado capaz de todos os crimes. Assim o Dr. João Carlos, como era conhecido, teve um dia que explicar aos seus amigos e clientes que ia embora. Houve verdadeira mobilização popular para que ficasse. Mas isso se tornara impossível e nem sequer a verdadeira causa de sua saída, ele podia revelar naquele momento. Pretendia encontrar uma maneira de fazê-lo, mais tarde.

Transferiu-se para a fazendola de Paulo Redrigues, conterrâneo seu, às margens do Araguaia. Continuou a atender doentes, mas agora como se fosse enfermeiro prático. Chamavam-no simplesmente Juca. Em breve, repetia-se ali o que já acontecera em Porto Franco e Tocantinópolis: Haas tornava-se pessoa benquista de todos. No Araguaia, mais do que em Porto Franco, sua fida fundia-se com a vida do povo sim-

ples da região. Era um trabalhador como os outros, que cobria de palha uma casa no Centro Novo, tangia mulas nas picadas abertas na mata, plantava e colhia. E ao mesmo tempo atendia doentes, fazia curativos em acidentados, dava conselhos para prevenir enfermidades. A qualidade que já se revelara nos tempos de estudante e como médico, voltava a manifestar-se: a imensa capacidade de se ligar às pessoas, de se fazer ouvir. Sua maneira ponderada e tranquila certamente contribuía para isso. E sobretudo o modo lúcido e inteligente de abordar qualquer problema.

No Araguaia, à margem da vida de trabalhador, continuava lendo seus livros de medicina. Parte do seu tempo também era aproveitada com a leitura dos clássicos do marxismo.

No dia 12 de abril de 1972, as Forças Armadas, pretextando combater a subversão, atacaram de surpresa os moradores da região, onde se desenvolvia significativo movimento contra a grilagem e outros efeitos nefastos da política da ditadura militar na Amazônia. Apesar do inesperado do ataque e da superioridade numérica e de equipamento dos agressores, organiz~u-se a resistência. Os militares cometiam violências inomináveis contra a população pobre. João Carlos Haas embrenhou-se na mata, juntamente com Paulo Rodrigues, Osvaldo Costa, Elenira, Gilberto, Doca e outros. Com as armas de que dispunham, transformaram-se em guerrilheiros.

Haas tornou-se o responsável pelos serviços de saúde da guerrilha. Deu cursos de enfermagem e organizou pequenas equipes de primeiros socorros.

Foi igualmente um combatente. Enfrentou algumas vezes os mercenários da ditadura, conduzindo-se com bravura e sangue frio. Num desses encontros, foi atingido na perna por dois tiros. Mesmo ferido, respondeu ao fogo, estimulando os companheiros a rechaçar o inimigo, que foi finalmente posto em fuga. Internando-se na selva, conseguiu recuperar-se dos ferimentos.

As tropas da ditadura continuaram as operações de cerco. O número de soldados na região atingiu os quinze mil.

Véspera do dia 30 de setembro de 1972, João Carlos tentou aproximar-se da morada de pessoa amiga, onde esperava obter informações úteis aos membros da guerrilha. Percebeu que a casa estava ocupada por soldados. Mesmo assim, aproximou-se do local onde o dono costumava fazer farinha, para observar melhor a posição ocupada. Depois, sem precipitação, retirou-se. No dia seguinte, chocou-se com uma patrulha do Exército. Tombou sem vida, crivado de balas.

*****

Os militares entenderam que seu cadáver seria precioso para a obra de intimidação do povo pobre da região. Para isto, resolveram colocá-lo em exposição pública em Tocantinópolis, onde Haas era bem conhecido. Tinham em vista mostrar que quem não se dobra à ditadura, morre.

Mas o resultado foi a transformação dessa encenação macabra numa comovente homenagem fúnebre ao homem que todos haviam aprendido a admirar. A população de Tocantinópolis e de Porto Franco desfilou diante do caixão. Muitos choravam. Todos expressavam dor pela sua morte. A intenção dos militares resultara no seu oposto.

Semanas antes de ser morto, Haas havia escrito uma carta aos habitantes daquelas duas cidades explicando as razões de sua luta e exortando-os a dela participar. Essa carta não chegou aos destinatários. Mas os militares encarregaram-se de levar até eles a mais eloquente das mensagens: o próprio corpo do remetente. É mais do que certo que a maioria das pessoas soube tirar do fato a conclusão correta: se um homem tão bom, tão correto, tão digno como João Carlos Haas fora morto pelos soldados do governo, é que este é um governo de bandidos.

*****

Um velho lema revolucionário, referindo-se aos combatentes assassinados pela reação, diz assim: " ão enterram cadáveres; enterram sementes".

João Carlos Haas é uma dessas sementes. Seu sacrifício não foi em vão. Frutificará na mais esplêndida

das colheitas: a da consciência revolucionária de milhões de brasileiros, consciência que mais cedo ou mais tarde transformar-se-á em irresistível força material capaz de varrer os anões da reação para a lixeira da História.

A nós, combatentes que continuamos a luta, resta o exemplo de sua vida e o orgulho de ter contado em nosso meio com um homem da estatura de João Carlos Haas Sobrinho..

O CENÁRIO DA LUTA